

LETRAMENTO DIGITAL E A EMANCIPAÇÃO NA EJA

Gabriel Moura Brasil¹

Viviane Lima Ferreira²

RESUMO: O presente trabalho objetivou analisar os usos do letramento digital que garantam os pressupostos de emancipação dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um caso específico. Constitui-se um estudo de caso de caráter qualitativo que dialogou com dois estudantes da EJA, no município de Florianópolis/SC. Foram analisados os usos do letramento digital presentes em seu percurso na EJA nas vivências dos sujeitos entrevistados, para observar quais relações estes estabelecem com os pressupostos de emancipação da Educação de Jovens e Adultos. A metodologia se dividiu entre pesquisa bibliográfica em livros, publicações periódicas e acervos virtuais para fundamentar os conceitos de letramento e letramento digital em relação aos pressupostos de emancipação na EJA; e pesquisa de campo. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa: questionário e entrevista semi estruturada. Os resultados apresentados pelos procedimentos metodológicos evidenciaram práticas de socialização do conhecimento na pesquisa coletiva presente na EJA cursada como ambientes que buscam a superação de inseguranças sobre uso da tecnologia. Os estudantes denotaram ampliação dos seus saberes globais e da sua turma, além de conseguirem aliar os letramentos aos seus contextos, contribuindo com as suas práticas sociais, e, com isso a sua maior emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Digital; Educação de Jovens e Adultos; Emancipação; Letramento.

¹ Bacharel em Comunicação Social, Licenciando em Pedagogia - UDESC, Pós graduando em Tecnologias para Educação Profissional - IFSC.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFSC. Mestre em Educação, Licenciada e Bacharelada em Letras. Educadora Popular.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade está, cada vez mais, marcada pelo crescente número de aparelhos tecnológicos para comunicação. O universo digital invade o cotidiano das pessoas com as principais pautas de discussões. A tecnologia avança todos os dias com novos inventos e plataformas na internet. Todo esse novo ciberespaço de possibilidades ganha espaço nas sociedades, o que faz necessário repensar o aprendizado.

As Tecnologias de Informação e Comunicação - que serão intituladas daqui em diante de TICs - impactam a vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como foi possível observar na experiência de estágio da PROEJA no Instituto Federal Catarinense, campus Camboriú em SC, no período de agosto a novembro de 2017. Nesse período, foi compartilhado pelos estudantes que muitos tinham buscado a escolarização como um meio para aprender a utilizar as tecnologias e integrá-las em suas vidas.

A EJA tem sido um espaço formativo de procura para jovens e adultos trabalhadores que não tiveram as condições necessárias básicas para concluir a Educação Básica no tempo regular. Além do diploma, os estudantes desta modalidade buscam conhecimentos e habilidades que aumentem as suas oportunidades de qualificação para o trabalho e os permitam acessar outros estratos da vida social.

Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas para a EJA não deveriam ignorar que as TICs têm imposto desafios na vida cotidiana de muitos jovens e adultos. As tecnologias colocam em pauta novos diálogos, e, ainda, dificuldades com relação ao manuseio e outras habilidades necessárias para integrá-las no dia-a-dia, uma concepção similar a de letramento. Desta forma, entende-se aqui que “voltar para escola” se relaciona com muito mais do que aprender a ler ou a escrever ou ser alfabetizado, mas [também com aprender] a utilizar os conhecimentos aprendidos na escola, no cotidiano e na vida.

Mas, o que é letramento? Em definição, o termo letramento surgiu para complementar o processo de alfabetização, uma vez que tem como característica partir das condições sociais e das vivências dos alunos. Dessa forma, letrar sugere direcionar os alunos ao conhecimento formal (GRANDO, 2012, p. 2). Soares (2002, p. 145) define

como “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, participam competentemente de eventos de letramento.” Dessa maneira, este trabalho se apoiou no conceito de letramentos de Soares:

para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos. (SOARES, 2002, p. 157)

Já o letramento digital se trata de um tipo específico de leitura e escrita, de textos (imagens, sons, vídeos, etc.) que circula pelas redes digitais (BUZATO, 2006). Quando os estudantes buscam a “inclusão” por meio do letramento nas TICs na escolarização, eles estão pressupondo que a Educação Básica lhes garanta a sua emancipação - conceito que pretendemos ampliar na argumentação teórica - para participarem de tais atividades sociais. Isso, porque o acesso a leitura e escrita pode colaborar com a ampliação do repertório, ação no meio social e inserção em novos contextos, já que na atualidade muito do agir social acontece no acesso ao meio digital. Reconhecendo que os letramentos são variados, quais letramentos digitais são estes?

O interesse deste artigo está em ouvir os estudantes para conhecer a lacuna que as TICs impuseram ao letramento deles. Desta maneira, é possível dar subsídios à discussão das TICs na EJA, pois estes casos não se dão isoladamente. Por isso, esta investigação se fez pertinente ao entender a dimensão dos estudantes nesse processo de letramento digital, na intensa argumentação dos estudantes sobre a questão das TICs em seu cotidiano, na vivência de um educador, aberto ao diálogo com os educandos.

O presente trabalho buscou analisar quais são os usos do letramento digital que garantem os pressupostos de emancipação dos sujeitos no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para compreender esta perspectiva, entrevistamos ex-alunos que afirmam ter retornado ao ciclo escolar devido a necessidade de aprendizado no uso das TICs. Foi realizado aqui, um estudo de caso de caráter qualitativo que observou a vivência de dois estudantes da EJA que compõem uma mesma família e retornaram ao ciclo escolar em tempo não regular devido a demandas sobre o uso da tecnologia.

Para tanto, foi executada pesquisa bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2007) consiste no levantamento da temática em livros, publicações periódicas e acervos virtuais. Este pode garantir aprofundamento teórico na discussão sobre letramento e o letramento digital, assim como em que aspectos o conceito de letramento se relaciona com os pressupostos de emancipação da EJA. Posteriormente, se apresentam os procedimentos metodológicos e os instrumentos de pesquisa do estudo de caso que de acordo com Gil (2002) consiste em: um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Destarte, entre as diferentes formas de letramento que se apresentam possíveis, o recorte desta pesquisa será o letramento digital: leitura e escrita que acontecem pelas redes digitais e outras tecnologias similares voltadas para a comunicação. Tendo em vista, que por vezes os estudantes da EJA não dominam o uso das ferramentas digitais e se sentem excluídos de interações, eventos e atividades sociais. Mas, quais são os conceitos que fundamentam práticas de letramento e emancipação?

2 LETRAMENTOS: O LETRAMENTO DIGITAL

O termo letramento, ganha conceituação no campo da educação brasileira na década de 1980 com pesquisadoras como Mary Kato (1986), Angela Kleiman (1995), Leda V. Tfouni (1995) e Magda Soares (1998). Contudo, Paulo Freire trazia em suas produções questões relativas à questão da alfabetização, que só posteriormente foram reconhecidas neste campo, a exemplo Ferreiro (2003) que afirma não utilizar o termo letramento, pois a alfabetização freireana já abarca conceitos concernentes à leitura de mundo, ou seja, uma leitura crítica e contextual. Não obstante, a teoria e a prática da “conscientização” de Freire surgiram pela sua experiência no contexto da EJA.

Porém, quais são os fundamentos que cercam o termo letramento, para sua inserção no campo educativo? “O surgimento de uma nova palavra sempre está ligado à falta de uma palavra que possa explicar o sentido de algum fenômeno” (GRANDO, 2012, p. 2). Entre as principais discussões que circulavam no meio social na década de 1980,

afloraram-se questionamentos referente às altas taxas de reprovação dos educandos e em contraponto o analfabetismo no Brasil, reflete Grandó:

foi necessário encontrar uma palavra que se referisse à condição ou ao estado contrário daquele expresso pela palavra analfabetismo, ou seja, uma palavra que representasse o estado ou condição de quem está alfabetizado, de quem domina o uso da leitura e da escrita (GRANDÓ, 2012, p. 2).

Na perspectiva de estudos acerca do letramento, pressuposto pela educadora e pesquisadora Magda Soares (1998; 2003), alfabetização e letramento são processos distintos, ser alfabetizado e não ser letrado ou ser letrado e não ser alfabetizado são condições possíveis, contudo são processos interdependentes e indissociáveis.

O conceito de Alfabetização está relacionado a prática de aprender a ler e escrever, já o conceito de Letramento está relacionado ao conhecimento de maneira mais ampla, como o domínio de atividades de leitura e escrita que respondam às demandas sociais. Assim, a valorização dos conhecimentos prévios, dos estudantes se faz princípio para o andamento do letramento, pois conforme Freire:

Para que os homens simples sejam tidos como absolutamente ignorantes, é necessário que haja quem os considere assim. Estes, como sujeitos desta definição, necessariamente a si mesmos se classificam como aqueles que sabem. Absolutizando a ignorância dos outros, na melhor das hipóteses relativizam a sua própria ignorância. (FREIRE, 1977, p. 46)

ou ainda

na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. (FREIRE, 2001, p. 29).

Reflexão que explicita a atenção para que não se faça equivocadamente apenas a mudança do termo alfabetização por letramento, ou mesmo a alfabetização como pré-requisito para o letramento. A caracterização dos termos, para tanto é feita por Soares (1998), quando pronuncia que “alfabetização é o ato de se tornar “alfabetizado” enquanto letramento se traduz como “condição de ser letrado”. Ainda em Soares (1998), o letramento é resultado de uma ação: a de “letrar-se” entendido por tornar-se letrado, assumi-lo como propriedade, isto é, o domínio da linguagem escrita e falada, usadas em diversos contextos.

O processo de letramento é permeado ainda do “saber onde e como usar as habilidades adquiridas” (MILITÃO, 2014, p. 238), por isso a indissociabilidade da alfabetização e do letramento. Em processos contínuos e relacionados que possibilitam aos sujeitos “reflexão e ação sobre a realidade na qual os sujeitos se encontram inseridos” (OLIVEIRA, 2015, p. 12). Como são múltiplas práticas e variadas as formas de uso da leitura e escrita, o conceito de letramento tem se apresentado no plural.

Assim, os letramentos apresentam inúmeras possibilidades de apropriações no universo escolar, cada uma sob sua realidade, mas também embasada em sua dimensão teórica. Tendo como ponto de partida a escola que tem por característica formar pessoas para exercer seu papel de cidadão, privilegiando o uso social da leitura e da escrita, o que foi tomado aqui com parte de uma busca por autonomia.

Já o letramento digital, compreende-se pela potencialidade que o educando tem de corresponder às demandas sociais que circundam o uso dos recursos tecnológicos na leitura e na escrita por intermédio digital. De acordo com Soares (2002), o letramento digital vai para além de um conhecimento técnico. Engloba as habilidades de construir sentido por meio de textos multimodais, ou seja, textos que combinam elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Entendido como a habilidade do educando de manusear o computador e entender as regras da comunicação no meio virtual.

Ainda em Soares (2002), o aparelho digital se constituiu como um moderno suporte para a leitura e escrita. A tela de um computador é vista como um recente espaço de escrita que contribui para mudanças significativas nas interações entre os sujeitos e a sociedade. As diferentes maneiras de letramento têm desdobramentos sociais, discursivos e cognitivos, modulando assim, o letramento digital. Aquino define o letramento digital como “o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver uma multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias” (2003, p. 1).

Assim os sujeitos necessitam também ter conhecimento para identificar, examinar, criticar e avaliar as informações disponibilizadas eletronicamente e se familiarizar com o mundo digital, suas regras e comunicações. Sendo o ciberespaço um novo meio de comunicação, aprendizado, relação, virtual ou real, o que se mostra conceitualmente

necessário é a busca pelo sentido político-social-emancipatório, que o ensino dessas novas plataformas podem trazer para o cotidiano das salas de aula. Assim, se faz pertinente compreender quais são as características e concepções que permeiam os pressupostos emancipatórios da EJA, como também sob quais vieses político-históricos a modalidade sofre influência de sua concepção à regulação.

3 EMANCIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O DIGITAL

Por muito tempo se limitou a pensar a educação apenas para combater o analfabetismo, investindo somente na educação das crianças, negando aos jovens e adultos que não tiveram acesso a educação formal em tempo regular, o acesso a seu direito. A partir da Lei nº 9.394 de dezembro de 1996 - que determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) -, se garantiu, além da educação regular (ensino Fundamental e Médio), a Educação de Jovens e Adultos.

No capítulo III do artigo 37 da lei, o texto trata “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria” (BRASIL, 1996). Já o parágrafo 1 se certifica que o sistema de ensino será gratuito aos jovens e adultos que não tiveram oportunidades, pelas circunstâncias da vida, concluir no período em idade regular. Pois, de acordo com Oliveira (2015, p. 20), a busca pela garantia de “voltar a sala de aula para essas pessoas têm um símbolo de recuperar um direito fundamental de cidadã: o direito à plena educação”.

Desta forma, a questão da emancipação se relaciona diretamente com o letramento, pois:

Uma concepção de letramento assume caráter emancipatório, transformador e fortalecedor, à medida que se volta para o engajamento do sujeito em atividades de natureza *crítica e problematizadora* que se concretizam *com e através da linguagem*. Essa concepção de letramento pode contribuir com a formação humana, social, cultural e política dos educandos. O acesso a essa modalidade de letramento, vinculada a uma proposta educativa alicerçada em princípios políticos, éticos e solidários, promotores de justiça social, pode contribuir para a formação cidadã dos alunos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p. 43, grifo nosso)

Assim, a modalidade da EJA é organizada por segmentos, divididos em turmas com alunos para serem alfabetizados e a turma de alunos já alfabetizados. Os alunos do primeiro segmento estão em processo de conhecer as letras e os números, já os alunos do segundo segmento da EJA são letrados e alfabetizados, dessa forma, necessitam realizar pesquisas e expor a conclusão do trabalho para os colegas e professores (BRASIL, 1996).

Ainda segundo a LDB, nessa fase, os alunos utilizam ferramentas como: computador, livros, revistas, etc., para auxiliar no processo de construção da pesquisa em busca da emancipação dos seus educandos, o educador deve

sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los. Além dessa dimensão social e política, os ideais pedagógicos que se difundiam tinham um forte componente ético, implicando um profundo comprometimento do educador com os educandos. (RIBEIRO, 2001, p. 23)

Dessa maneira, os temas escolhidos pelos alunos, se aproximam dos saberes já consolidados por eles, podendo as pesquisas serem instrumentos avaliativos do desenvolvimento e apropriação dos saberes. Pois de acordo com Freire (2000), práticas emancipatórias devem ser cotidianas, vivenciadas de forma concreta, no trabalho, na escola, nas relações familiares. Educar os sujeitos não apenas para produzir textos em sala de aula, mas ser conhecedor do processo em que está inserido.

O educando precisa se sentir habilitado para acompanhar o processo contínuo de transformação das tecnologias, se inserindo nele com instrumentos capazes de garantir sua plenitude, mesmo sob indícios de

uma revolução cultural tal que, para se conseguir bem viver, parecem ser necessárias muitas (e cada vez mais outras) competências e habilidades, desde saber usar a internet, passando pelo uso de ferramentas próprias às TD [tecnologias digitais], interativas, incorporando também uma linguagem multimídia às já requeridas competências verbais e escritas. São desafios cognitivos, sociais, culturais e, sem dúvida, econômicos (CORD, 2017, p. 38).

Esses desafios e competências requeridas já estão colocados aos estudantes, cabendo aos educadores serem capazes de utilizar os recursos tecnológicos em suas práticas de forma consciente para garantirem desenvolvimento pleno dos sujeitos da EJA e reconhecerem suas necessidades formativas. Com isso, quem sabe, o desenvolvimento

de autonomia na utilização do digital por parte dos estudantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O aprofundamento teórico, de acordo com Marconi e Lakatos (2007), auxilia o pesquisador na geração e análise de dados e usos de informações. Como aqui nos ajudou a desvelar dos conceitos do letramento e o letramento digital, bem como se fixam os pressupostos emancipatórios da EJA. Destarte, este trabalho buscou conhecer a perspectiva dos estudantes para analisar os usos do letramento digital que garantam os pressupostos de emancipação da EJA. Para tanto, será desenvolvido estudo de caso de cunho qualitativo descritivo-interpretativo, pois se investiga o contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos. (YIN, 2001)

A descrição dos dados gerados é uma das asserções da pesquisa qualitativa, em que através da descrição dos detalhes que os sujeitos sociais possuem dos fenômenos, o pesquisador consegue interpretar e compreender o contexto social em estudo (MARCONI; LAKATOS, 2007). Como uma pesquisa qualitativa, este trabalho buscou compreender melhor a realidade dos estudantes da EJA para contribuir com reflexões sobre o papel da escolarização na vida dos jovens e adultos, além de práticas de ensino, direcionadas a suas necessidades. A investigação deste tipo, voltada para a educação, vai além de ler a realidade, é propositiva, tem o interesse na mudança e no posicionamento diante dos problemas concretos.

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2011, p. 17-18)

Existe uma lacuna na vida dos estudantes da EJA que vai além da aprendizagem de certas técnicas, mas da integração de novas ações em suas vidas, ligadas aos seus direitos. A curiosidade em se aproximar do tema do letramento digital foi crescente, uma vez que é pouco discutido na formação de professores, ou mais especificamente, na Licenciatura em Pedagogia. Contudo nas experiências de Pesquisa e Processos

Educativos na Educação Básica², sobretudo da EJA, grande parte dos estudantes apontaram entre os motivos do seu retorno aos estudos, a necessidade do uso das tecnologias. Ainda assim, práticas ligadas ao digital foram pouco desenvolvidas durante todo o período em que o pesquisador esteve estagiando.

Portanto, é a partir da análise das entrevistas com os estudantes se investigou os usos do letramento digital que assegurem pressupostos emancipatórios na EJA, pois segundo Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa qualitativa descritiva interpretativa usa técnicas de geração de dados que podem ser desenvolvidas a partir de questionários, formulários, testes, entrevistas, entre outros. Buscando indícios que podem se assemelhar ou relacionar com as demais experiências e apontar caminhos para um trabalho pedagógico mais próximo das reais necessidades dos estudantes, tendo clareza das diferenças sociais, culturais vigentes para cada sujeito.

Dessa maneira, o tipo de pesquisa que se fez necessário foi o estudo de caso, que segundo Meirinhos e Ozório (2016), a modalidade de pesquisa estudo de caso vem crescendo no âmbito da Educação, pois busca compreender o “entorno” do objeto estudado, como a esfera social e cultural. Ou seja, a mudança nas práticas sociais de leitura e escrita nas TICs, para que haja compreensão das complexas inter-relações que acontecem na vida real e assim seja possível incentivar trabalhos pedagógicos de qualidade neste âmbito, além de ter responsabilidade com a construção do conhecimento sobre o cenário.

O caráter qualitativo foi o mais adequado ao que se pretendia nesta investigação. De acordo com Gil (2002), estudos de caso são investigações que exigem esforço e podem ser tarefa difícil de se realizar, haja visto sua flexibilidade metodológica o que pode levar ao acúmulo de dados que não se consegue interpretar. Reconheceu-se que este tipo de estudo serviu para dar direcionamento sobre a coleta e inspirou os encaminhamentos metodológicos. Porém, as condições de trabalho de pesquisa foram limitadas por diversas questões, impedindo que um estudo de caso completo fosse

² Disciplina do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú, realizado no segundo semestre do ano de 2015, com supervisão das professoras Dra. Sonia Regina de Souza Fernandes e Dra. Filomena Lucia Gossler Rodrigues da Silva, campo de pesquisa, turma do ensino médio da PROEJA da mesma instituição, no período noturno.

realizado, cabendo aqui o início de uma reflexão sobre o tema.

Destarte, os instrumentos de geração de dados são parte fundamental do trabalho a fim de manter o rigor metodológico e neste estudo foram utilizados a entrevista presencial e questionário semiestruturado, todos gravados em áudio e transcritos, utilizados na descrição e interpretação dos dados. Duarte (2004) frisa que entrevistas podem ser um instrumento de pesquisa bastante válido quando se necessita “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. (DUARTE, 2004, p. 215)

Ouvir melhor a perspectiva dos educandos se tornou um imperativo, porém, condições de prazos, trabalho e saúde pública inviabilizaram muito a coleta de dados. Durante o início das entrevistas, o Governo do Estado de Santa Catarina impôs isolamento social devido a pandemia de COVID-19, o que impossibilitou um maior número de entrevistados devido a mobilidade e acessibilidade a outros estudantes. Os dois participantes são cônjuges e por isso se disponibilizaram ambos. O êxito dessa investigação se deu por causa da proximidade dos entrevistados, entre si e com o pesquisador, que estabeleceram relação e trocas de experiências sobre a EJA, colaborando com a compreensão do fenômeno.

Portanto, na análise dos dados se buscou caracterizar a reflexão, não em torno de questões técnicas, como competências com o teclado, *mouse* ou telas *touchscreen*, mas sim com questionamentos sobre as práticas sociais nas quais eles foram realmente inseridos na EJA e quais outras que ainda não conseguem realizar. Os questionamentos que guiaram as entrevistas foram: *Apresentação pessoal (Nome³, Idade, Local e data de nascimento, Cidade onde iniciou os estudos, Breve histórico escolar, Escolas que passou, Professores marcantes), Quais os motivos causaram seu afastamento escolar? O que motivou seu retorno à escola? As mudanças na comunicação na atualidade te influenciaram a tomar esta decisão? Como é sua relação com a tecnologia? Quais mudanças no uso das tecnologias o retorno escolar trouxe ao seu cotidiano?*

³ Foi garantida a preservação do anonimato dos entrevistados.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados da pesquisa sobre os estudantes entrevistados buscou “dispor as informações em ordem cronológica ou utilizar alguma outra disposição temporal” (YIN, 2001, p. 132) para que se identifique os movimentos de acesso, afastamento e de retorno escolar e assim os usos do letramento digital que ilustram quais foram os pressupostos emancipatórios. Para melhor organização dos dados, foram criadas quatro categorias prévias de análise: 1. Contextos dos entrevistados; 2. Motivos de retorno à escolarização; 3. Práticas de letramento digital na EJA; e por fim, 4. Práticas de letramento digital no cotidiano.

5.1 Contextos dos entrevistados

Na busca por compreender os entrevistados como sujeitos em sua globalidade, o contexto social, com seus problemas, necessidades, saberes, cultura, oralidade, desejos, sonhos, são importantes fatores que caracterizam a subjetividade de cada um e apontam caminhos para uma aprendizagem integradora, que vise aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores que lhe são pertinentes (BRASIL, 1996).

A primeira entrevistada (E1), mulher, nascida no município de Coruripe/AL, local onde iniciou seu ciclo escolar e teve seu primeiro afastamento, atualmente com 35 anos, reside no município de Florianópolis/SC com seu companheiro e filhos, é faxineira (Auxiliar de serviços gerais, trabalha em um hospital). Sonha em fazer curso técnico em Enfermagem. Concluiu seu ciclo escolar fundamental e médio na EJA. Quando questionada sobre os motivos que causaram a interrupção escolar, a mesma divide em dois momentos. O primeiro “[...] estudei pouco por motivo de eu ser criada com a minha avó, aí, às vezes a mãe me levava pro Estado de Sergipe e assim não tinha vaga, então eu perdi muito tempo” (E1, 25 Mar 2020). Já sobre o segundo momento, comenta “houve um imprevisto do destino, eu adoeci de tuberculose e tive que desistir por causa da doença” (E1, 25 Mar 2020).

O segundo entrevistado (E2), homem, 44 anos, nascido em Coruripe/AL e assim como sua companheira, iniciou e teve seu primeiro afastamento escolar ainda na infância,

reside atualmente em Florianópolis/SC com sua companheira e filhos. Trabalha no supermercado como Repositor. Concluiu seu ciclo escolar fundamental na EJA e teve nova interrupção no ciclo médio, ainda não tendo concluído. Em sua resposta sobre os motivos que causaram seu afastamento escolar, indica momentos, o primeiro “*parei meus estudos lá em Alagoas, porque lá tinha ou trabalhar, ou estudar*” (E2, 25 Mar 2020). No segundo afastamento, relaciona a doença da companheira e após o retorno, teve novo afastamento apontado como fator principal a distância e o cansaço diário, comentários como: “*muito puxado*”; “*cansaço físico*”; “*nunca tive dor de cabeça na vida e comecei a ter*”; “*dificuldade com o horário*”; “*esticado*”; foram comuns.

Apesar de serem da mesma família, os dois representam cenários distintos, a E1 conclui o Ensino Médio e o E2 não conseguiu, contudo compartilham aproximações tendo sempre frequentado escolas públicas do município onde residiam. Ambos contaram experiências traumáticas com a escolarização formal (na infância), além de como imigrantes serem impedido pelas “*condições no Nordeste*”, em que a escola era distante de casa. O casal voltou junto para EJA, por várias tentativas, que foram interrompidas por motivos diversos: casamento adolescência (15 anos), gravidez (“*ser mãe cedo*”), adoecimento (diabetes, tuberculose, labirintite), etc. Tiveram bolsa de estudos por um período, mas as condições de trabalho levaram a atrasos e problemas nos estudos. Elogiaram muito o trabalho dos professores, a compreensão dos outros estudantes e ambiente. O E2 tem muita vontade de concluir os estudos: “*quer aprender mais*”.

5.2 Motivos para o retorno à escolarização

A compreensão das muitas relações postas sobre uma decisão como o afastamento ou o retorno escolar porta uma infinidade de significados que identificados podem auxiliar na caracterização dos sujeitos, compreensão de seus contextos, reflexos do processo de escolarização nas suas relações e usos das tecnologias e nas condições de seu letramento digital.

Entre os motivadores para o retorno escolar, afirmações como a importância do exemplo, a família ou o símbolo da conquista do diploma foram rapidamente as primeiras respostas, porém quando questionados sobre as mudanças na comunicação na

atualidade, foi dito que essa mudança influenciou a decisão de retornar a escola. Sobre a possibilidade de estudar em qualquer horário e local a E1 afirma que:

sim, no começo eu fiquei meio assustada e queria até desanimar, mas hoje não. Porque ela [tecnologia] evita muito tempo, da gente, por exemplo, eu quero, to, com uma atividade pra fazer, se fosse na escrita às vezes tu poderia até não ter tempo, mas a tecnologia me ajudou a ter tempo. (ENTREVISTA 1, 25 Mar 2020)

O desconhecimento ou dificuldade no uso das tecnologias, gera consequências objetivas na vida dos estudantes, como sentimentos de inaptidão, medo o que pode levar ao afastamento escolar, se não bem encaminhados. Evidenciando a necessidade de formação específica por parte dos educadores para lidar com novos recursos, assim como as tecnologias. Pois é no exercício diário de aproximação com o “desconhecido”, articulado as experiências e demandas sociais que o letramento digital ganha sentido e se torna capaz de garantir autonomia aos sujeitos.

Já o segundo entrevistado aponta:

[...] eu tinha dificuldade com palavras, tenho dificuldade em tecnologias né, computador, e o que me incentivou a estudar foi isso aí, pela minha profissão, necessidade. Eu tinha que voltar a estudar. Pela minha profissão. Foram três motivos: computador, diálogo e leitura [...] (ENTREVISTADO 2, 25 Mar 2020)

Diversos estudantes retornam ao ciclo escolar por exigências do trabalho ou para alcançar novos postos de trabalho, porém o que se faz importante notar nesses casos para esta pesquisa, são quais os conhecimentos estão sendo requeridos para esses empregos. Certamente, o uso das tecnologias em muitos casos se faz necessário tonificando necessidades sociais e as relações escolares comprometidas com a formação do cidadão preparado para o mundo contemporâneo.

Além destes motivos, o empenho dos professores e sua paciência foram denotados por ambos, declaram nomes e contextos que eles faziam diferença na formação, bem como o destaque para a socialização e para o trabalho com pesquisa. Os entrevistados pesquisaram temas que estavam relacionados com suas vidas, como no exemplo da tuberculose, destacaram falar em público e fazer apresentações, coisas que ajudaram muito na sua integração social. E2 expôs que nunca viu uma escola que desse ênfase para a socialização, isso foi impactante.

5.3 Práticas de letramento digital na EJA

A própria EJA exigiu apropriação das tecnologias como parte do trabalho pedagógico, o que se apresentou como uma dificuldade para os educandos. As provas *online*, a incompatibilidade entre interfaces e o próprio acesso aos recursos digitais foram alguns dos impedimentos citados pelos entrevistados. A E1 aponta que no princípio não estava atualizada com o celular ou computador, então, contava com auxílio da filha que tinha o aparelho e a ajudava a realizar as atividades em casa.

o que eu mais senti dificuldade foi a respeito da tecnologia, como eu era meio parada assim para as coisas, então tinha que ter tecnologia pesquisar e tudo mais, e aí para mim era bastante difícil, só que eu pedia para minha filha pesquisar no celular dela, eu mesma pesquisava, assim com um pouco de dificuldade fui aprendendo (E1, 25 Mar 2020)

Algumas “facilidades” como as provas *online* eram tidas em um primeiro momento como empecilhos: *“também passei um processo muito grande no ensino médio, por motivo de tecnologia, qual foi o motivo? as provas eram tudo online, meu celular não tinha suporte, o celular do meu esposo também não”* (E1, 25 Mar 2020). A entrevistada E1 conta que apesar do seu esforço em realizar as tarefas e comparecer às aulas foi reprovada em matemática, e só conseguiu garantir o diploma no conselho e com a ação dos outros estudantes frente aos professores.

Já E2 diz que teve problemas de ordem técnica, *“meu telefone não era compatível com o que precisava, meu telefone era fraco, quer dizer, não é que era fraco, é que não tinha tecnologia avançada, passei por essa dificuldade também, é que travava”*. O professor argumentava que não podia ajudá-lo porque o celular dele estava muito lento, *“você vai ter também que comprar um telefone, o professor falou”*, motivos que desanimaram bastante o educando. Ele respondia *“tenho que comprar um telefone e estou sem condições no momento”*. O fato do celular não possuir suporte ao material elaborado pela instituição prejudicou o desempenho de ambos. E1 reverteu a situação pois ganhou um computador dos seus chefes.

O acesso financeiro às tecnologias influencia o letramento digital dos estudantes, seja por questões de usabilidade, serviços que não são compatíveis com vários tipos de aparelhos ou mesmo de portabilidade, de estar acessível em questão de linguagem e

tutoriais para os educandos da EJA. E2 afirma que a tecnologia se desenvolve muito rápido “*a tecnologia cresce, e nós temos que crescer junto com ela*”.

Logicamente, a escolarização colaborou conforme expõe o segundo entrevistado “*Quando eu comecei a estudar na EJA. Eu não sabia mexer em computador. Nada, nada, nada. Eu não sabia nem ligar.*” (E2, 25 Mar 2020). Para ele, cada momento de acesso monitorado pelos professores contava, pois liberavam um computador para cada um em “*aulas curtas mas que foram de grande importância porque eu aprendi bastante*”. Ou ainda, na solicitude dos professores quando emula a voz dos professores em aula dizendo “*se tiverem dúvidas nós estamos aqui do lado, mas tentem vocês, mas vocês tentem aprender, e vai ser bom para vocês, porque vocês vai crescer na vida*”. E2 afirma que houve muito incentivo: “*para mim não me importava aprender, mas com a escola eu tive que esforçar*”.

E2 conta que incentivou seus amigos de trabalho a voltar a estudar por meio das tecnologias: “*eu fazia vídeo lá na EJA e levava para o trabalho*”. Este aspecto da socialização que é muito facilitada pelo meio digital não pode deixar de ser remarcada. Bem como o registro afetivo que ficou na voz ainda de E2, reiterado com lamento por E1, “*todo mundo tirou foto com os professores da EJA, mas nós não tiramos foto com nenhum dos professores*”. Esta ação cotidiana que foi citada na entrevista, nos leva às práticas ao tópico final.

5.4 Práticas de letramento digital no cotidiano

Com a investigação, das atividades sociais e os usos dos conhecimentos, é que podemos alcançar os letramentos postos no cotidiano dos estudantes, suas compatibilidades com o mundo digital ou também problemáticas, já que da interação e usos da leitura e escrita em diferentes tecnologias se produzem diferentes letramentos (SOARES, 2002).

No que se refere a relação atual dos entrevistados com as tecnologias, ambos afirmam ter contato diário com aparelhos tecnológicos, contudo essa relação se mostra conflituosa. Ambos afirmam dificuldades no acesso a recursos adequados para suas pesquisas tanto em casa como na escola. O afastamento é visto como no comentário da

E1 “*de zero a dez, eu ainda tou no seis e meio, eu não gosto de mexer muito em tecnologia não*” (E1, 25 Mar 2020). Ela ainda argumenta que não entra nem no *WhatsApp*[™], onde tem o grupo do trabalho e da igreja, e que ouve reclamações sempre. Interpelada sobre o “porquê” diz que prefere o contato social de maneira pessoal.

Apesar de dizer que ainda existe “*dificuldades tecnológicas e outras*”, E1 disse que tecnologia ajuda muito na comunicação, pois pode fazer chamadas de vídeo para falar com as pessoas da família que moram longe, fica além de mandar mensagens, podendo ver como eles estão de verdade. Para uma família que migrou para o sul, este é um ponto de destaque das relações afetivas que se mantém via redes.

Já E2 conta que a diferença da integração se deu no seu trabalho. “*Os testes que fui fazer para trabalhar tirei 10, eu fiz o básico no computador, mas precisa outras coisas além do básico das coisas eu fiz e que estudei pouco, foi informática*”. Posterior a suas aulas na EJA, E2 afirma ter passado por um teste no trabalho em que envolvia o uso do computador (ligar, pesquisar, acessar a internet) e concluído bem. Algo que demonstra que mesmo o acesso a recursos tecnológicos ainda incipiente para um número de estudantes um tipo de letramento digital que garanta pressupostos emancipatórios tem sido viável.

Ele denota o papel da EJA neste processo: “*eu me lembrei do professor de computação, [...] ele me ensinou o básico muito bom, eu tirei dez*”. Conta ainda que os profissionais que o selecionaram o elogiaram: “*você falou que não tinha curso de computação, e você foi bem, [...] você não tem curso, mas você tem habilidade*”. A empresa onde trabalha depende muito do computador (distribuidora), ele diz “*parou o computador, parou a empresa*”, e remarca que hoje em dia, pode ensinar os novos contratados que estão chegando e não sabem usar. Mesmo assim, percebe que a escolarização fez parte deste processo: “*eu tenho que voltar a estudar porque cada ano que passa tem computador está chegando mais novo*”. Ampliando a afirmação de Oliveira (2012, p. 186) “*faltam cuidados do poder público, oportunidades de trabalho e renda*”, pois é no acesso às TICs que muitas oportunidades e usos se encontram.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos tem sua origem sob uma reivindicação política (FREIRE, 1991), e os letramentos, bem como o letramento digital, tem sob sua concepção o sentido de transformação social (SOARES, 1998), então certamente uma escola comprometida com a formação de um cidadão emancipado, faz uso do letramento digital. O ser letrado, do campo linguístico ou digital, demanda não só o conhecimento da técnica mas do uso social dos saberes, buscando apresentar respostas aos desafios cotidianos.

Identificou-se assim as diversas faltas de instrumentos adequados para o processo de ensino aprendizagem de letramento digital. Dado que em um mundo globalizado e de evoluções constantes no cenário tecnológico, se faz urgente o acesso igualitário às TICs, já que sua falta ou inexistência contribui para exclusão digital e desigualdade social. Conforme Freire (1977, p. 48), “ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna”.

Os sujeitos analisados nesta pesquisa apontam evidências importantes sobre seus processos de letramento digital em que os pressupostos emancipatórios são possíveis, como práticas de socialização do conhecimento, pesquisa coletiva, que conforme denotado ampliam os saberes globais dos educandos. Possibilitando o desenvolvimento conjunto em que as práticas sociais garantem aprendizados que são apresentados na escola e vice-versa, reafirmando a indissociabilidade do conhecimento de seu contexto, assim como a EJA. Contudo, fatores como acesso, alargam as desigualdades que já se mostram muitas, investindo numa sociedade carente de saberes e conexões, impondo ainda o desconhecimento dos seus direitos e acesso a eles.

Entre os motivos de retorno à escolarização, evidenciam-se práticas emancipatórias de letramento digital, como o ambiente acolhedor para superação da insegurança no uso das tecnologias. Sendo o digital uma parte significativa do viver contemporâneo, se mostrou transformador o acesso às TICs, os entrevistados frisam o aumento de repertório mesmo sob condições de escassez de recursos como bem apontado entre as práticas de letramento digital na EJA. O que indica a necessidade de maiores investimentos em recursos tecnológicos pelo poder público para que todos tenham acesso igualitário ao uso das tecnologias, dentro e fora da escola.

Se mostra presente ainda na análise, a necessidade formação pedagógica específica para lidar com as TICs, visto que não basta somente apresentar as ferramentas, é preciso superar inseguranças e as condições objetivas para gerar interesses e dar sentido ao conhecimento, por meio de discussões e atividades lúdicas que capacitem os sujeitos a responderem às demandas sociais.

As práticas de letramento digital no cotidiano existem, porém conflitos se mostram presentes. Os estudantes mencionam dificuldades na utilização das tecnologias para comunicação, no entanto, buscam superar o obstáculo com a ajuda dos filhos ou de professores, visto que as tecnologias facilitam a comunicação com os familiares e contribuem para o reconhecimento e ascensão profissional. Relacionando as potencialidades e fragilidades do letramento digital e denotando as contradições que cercam as demandas sociais impostas aos sujeitos. Por fim, o que se apresenta potente nesta investigação, é o processo de ensino aprendizagem engajado na transformação social dos sujeitos presentes em seu processo, que valoriza a indissociabilidade do conhecimento e seu contexto, garantindo práticas sociais emancipatórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Renata. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. 3 de fevereiro de 2003. Disponível em: <<http://portal.webaula.com.br/noticia.aspx?sm=noticias&codnoticia=417>>. Acesso em: 08 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 Jul. 2019.

BUZATO, M. **Letramentos Digitais e Formação de Professores**. III Congresso Ibero-Americano EducaRede, 2006, pp. 81-86.

CORD, Deisi. **Sujeitos em processo de alfabetização e sua apropriação da cultura digital: um estudo exploratório no I segmento da EJA da Rede municipal de ensino de Florianópolis/sc**. 2017. 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação – Ppge, Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000046/0000463c.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

ENTREVISTADA 1. Entrevista concedida a Gabriel Moura Brasil. Florianópolis, 25 mar. 2020.

ENTREVISTADO 2. Entrevista concedida a Gabriel Moura Brasil. Florianópolis, 25 mar. 2020.

FERREIRO, Emília. **Fala mestre! Alfabetização e cultura escrita**. Revista Nova Escola. São Paulo, nº 162, ano 17, pp. 27-30, maio 2003.

FREIRE, Paulo. **A EDUCAÇÃO É UM ATO POLÍTICO**. Brasília: Cadernos de Ciência, v. 24, Jul/Ago/Set - 1991. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1357>>. Acesso em: 01 jan. 2020.

_____. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. 87 p.

_____. **A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP**. São Paulo, Nova Crítica, 1977.

_____. **Extensão ou comunicação?** 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. UNESP. 2000.

GIL, Antônio Carlos, 1946-. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GRANDO, Katlen Böhm. **O Letramento A Partir De Uma Perspectiva Teórica**: Origem Do Termo, Conceituação E Relações Com A Escolarização. Projeto Observatório da Educação/CAPES. 2012. Disponível em:< <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

- MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **Eduser - Revista de Educação**, [S.l.], v. 2, n. 2, dec. 2016. ISSN 1645-4774. Disponível em:
<<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>>. Acesso em: 25 nov 2019.
- MILITÃO, Giselda Morais de Alenca. **Alfabetização e Letramento: as práticas de leitura como recurso para a alfabetização**. Profletras - Universidade Estadual de Londrina/ PR. 2014. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/giseldamamilitao.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- OLIVEIRA, Shirlene Ferreira Simplicito. **Alfabetização, letramento e educação para jovens e adultos (EJA)**. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande/ PB. 2015. Disponível em:
<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7958/1/PDF%20-%20Shirlene%20Ferreira%20Simpl%C3%ADcio%20Oliveira.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2019.
- OLIVEIRA, Sílvia Maria de. Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos. In: LAFFIN, Hermínia L. F. (Org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.
- RIBEIRO, Vera Masagão. **A Educação de jovens e adultos – novos leitores, novas leituras**. Campinas. São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo; OLIVEIRA, Maria do Socorro. Políticas públicas na educação de jovens e adultos: projetos de letramento, participação e mudança social. In: **Eja em debate**. vol.1 n.1. Florianópolis, 2012.
- SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros** / Magda Soares. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.
- _____. **Letramento e escolarização**. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em:
<<https://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.